

*A Variação em Interrogativas de Constituinte no Fluxo Conversacional*¹

THE VARIABLE USE OF WH-INTERROGATIVES IN THE CONVERSATIONAL FLOW

Livia OUSHIRO*

Ronald Beline MENDES**

Resumo: Com base nos pressupostos da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2006), este artigo analisa a influência do *fundo comum* (CLARK, 1996; STALNAKER, 2002) no uso variável de duas estruturas de interrogativas de constituinte no português paulistano, *in situ* (p. ex. *Você mora onde?*) ou não (p. ex. *Onde (que/é que) você mora?*). Discute-se o papel de três grupos de fatores discursivo-pragmáticos – Sinceridade Pragmática da Pergunta, Grau de Ativação do Fundo Comum e Conjunto de Respostas Previstas –, e argumenta-se que o uso variável de interrogativas de constituinte é sensível ao aqui-e-agora da conversa, à medida que os falantes fazem suas contribuições conversacionais e o fundo comum é atualizado: os resultados mostram que as *interrogativas qu-in-situ* são favorecidas em perguntas de estruturação do discurso (que introduzem novas informações), quando a pressuposição havia sido mais recentemente ativada e quando a resposta da pergunta é mais previsível. Tais fatos podem ser interpretados como uma estratégia para o processamento cognitivo, para a manutenção de turno e para a organização geral do discurso, e ressaltam a importância de analisar amostras de falas naturais em seus contextos de uso.

Palavras-chave: Interrogativas de constituinte. Fundo comum. Português paulistano.

* Mestrado em Linguística pela Universidade de São Paulo. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral do Departamento de Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, na área de Sociolinguística. Contato: livia.oushiro@usp.br.

** Doutorado em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas. Professor doutor da Universidade de São Paulo e chefe do Departamento de Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Contato: rbeline@usp.br.

¹ Apoio: FAPESP (Proc. 2009/03190-0).

Abstract: This paper analyzes the influence of *common ground* (CLARK, 1996; STALNAKER, 2002) on the variable position of the wh-word in Paulistano Portuguese, *in situ* (e.g. *Você mora onde?*) or not (e.g. *Onde (que/é que) você mora?* ‘Where do you live?’) – from a sociolinguistic perspective (LABOV, 2006). We discuss the role of three discourse-pragmatic factor groups, Type of Question, Givenness of the Presupposition, and Predicted Answers. We show that the variable use of Wh-interrogatives is highly sensitive to the *hic et nunc* of conversation, as speakers make their conversational contributions and common ground is updated: results show that *wh-in-situ* is favored in semi-rhetorical questions (which introduce new information), when the presupposition had been recently activated, and when the answer is most predictable. These facts can be interpreted as strategies for cognitive processing, for the maintenance of the conversational turn and for the general discourse organization. Further, these results highlight the importance of analyzing natural occurring speech samples in their context of use.

Key-words: Wh-interrogatives. Common ground. Paulistano Portuguese.

Introdução

Interrogativas de constituinte – também chamadas de “Interrogativas-Q” (KATO; MIOTO, 2005) e de “Interrogativas de conteúdo” (PEZATTI; FONTES, 2010) – têm sido amplamente estudadas nas últimas décadas a partir de perspectivas formalistas, sobretudo em termos de sua estruturação sintática (ver p.ex. CHOMSKY, 1977; MIOTO; FIGUEIREDO-SILVA, 1995; MIOTO, 1997; CHENG; ROORYCK, 2000; AMBAR et al., 2001; KATO; MIOTO, 2005). Apenas recentemente têm surgido trabalhos que se preocupam com uma análise dessas estruturas da perspectiva dos usos linguísticos (ver p.ex. FREITAG, 2010; PEZATTI; FONTES, 2010; SOUSA, 2010; OUSHIRO, 2010, 2011). Interrogativas de constituinte são aqui definidas, de modo amplo, como sentenças que contêm um pronome, advérbio ou adjetivo interrogativo: (*o*) *que*, *que* + NP, *qual(-is)*, *qual(-is)* + NP, *quanto(-a, -os, -as)*, *quanto(-a, -os, -as)* + NP, *quem*, *como*, *quando*, *onde* e *por que*. No português paulistano atual, há quatro estruturas dessas interrogativas, exemplificadas em (1):

- (1) a. *Interrogativas-qu:* *Onde você mora?*
 b. *Interrogativas-qu-que:* *Onde que você mora?*
 c. *Interrogativas é-que:* *Onde é que você mora?*
 d. *Interrogativas qu-in-situ:* *Você mora onde?*

Neste trabalho, o interesse se volta à posição em que se realiza o constituinte interrogativo – *in situ* (1d) ou não (1a–1c). Diversos trabalhos (AMBAR et al., 2001; KATO; MIOTO, 2005; PIRES; TAYLOR, 2007, *inter alia*) notam a maior produtividade de *interrogativas qu-in-situ* no português brasileiro do que no português europeu, fato que geralmente é explicado por uma restrição pragmática ao seu emprego na variedade europeia: a estrutura ocorre apenas no contexto de pergunta-eco, com entonação ascendente e com função de requisitar a repetição de algo que acabou de ser mencionado:

- (2) A: *A Maria comeu um gambá.*
 B: *A Maria comeu O QUÊ?*
 (Exemplo extraído de PIRES; TAYLOR, 2007, p. 2).

No português brasileiro, essa restrição discursivo-pragmática não parece se aplicar. Além de perguntas-eco, as *interrogativas qu-in-situ* podem ser empregadas com entonação descendente, com equivalência semântica às interrogativas com constituinte interrogativo pré-verbal. No exemplo (3), tanto a estrutura *qu-in-situ* (3a) quanto a *interrogativa-qu* (3b) são empregadas por uma mesma falante, Helena, para fazer perguntas similares a respeito da idade da irmã e dos pais de sua interlocutora:

- (3) a. Helena: *e:... sua irmã tem **quantos anos**?* (F1S-DOC)²
 Ingrid: *é ela é quatro anos mais nova que eu ela tem trinta e um*
 b. Helena: *ai é verdade... e seus pais?... **quantos anos** eles têm?*
 Ingrid: *meu pai tem sessenta... e a minha mãe tem cinquenta e seis...*

² Os exemplos retirados do *corpus* de entrevistas sociolinguísticas vêm acompanhados do perfil sociolinguístico do informante e de seu papel na gravação: seu sexo/gênero (F: feminino; M: masculino); sua faixa etária (1: de 20 a 30 anos; 2: de 35 a 45 anos; 3: 50 anos ou mais); seu grau de escolaridade (G: até Ensino Fundamental; S: Ensino Superior); papel na entrevista (DOC: documentador; INF: informante).

Sendo os empregos não categóricos, interessa investigar, da perspectiva dos usos linguísticos, quais fatores influenciam e se correlacionam ao emprego das variantes. Com base nos pressupostos teóricos e metodológicos da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2006), este artigo investiga a influência de fatores discursivo-pragmáticos no uso variável de Interrogativas de Constituinte no português paulistano, com enfoque no papel do *fundo comum* (CLARK, 1996; STALNAKER, 2002) e certos aspectos relacionados à conversação face a face (SACKS et al., 1974). Análises prévias (OUSHIRO, 2010) já apontaram para a importância dos graus de informações compartilhadas entre os falantes para o emprego de Interrogativas de Constituinte, de acordo com diferentes tipos de pressuposição (cultural, universal e do discurso). Aqui, analisam-se três outros grupos de fatores – Sinceridade Pragmática da Pergunta (“sincera”, retórica, ou de estruturação do discurso), Grau de Ativação do Fundo Comum (quando a pressuposição da interrogativa foi ativada pela última vez na conversa) e Conjunto de Respostas Previstas (“aberto” ou “fechado”) –, que permitem investigar a dinâmica da troca de informações no fluxo conversacional. Argumentar-se-á que o conjunto de informações compartilhadas pelos interlocutores, atualizado constantemente no aqui-e-agora da conversa, tem papel fundamental na variação entre as diferentes estruturas linguísticas.

Na próxima seção, apresentam-se o *corpus*, questões metodológicas e os contextos em que as estruturas são, de fato, empregadas alternativamente; na seção 2, discute-se mais detalhadamente o conceito de *fundo comum* e as hipóteses levantadas a respeito do emprego variável de Interrogativas de Constituinte; a seção 3 apresenta e discute os resultados de análises quantitativas de covariação e, por fim, conclui-se com um resumo das principais contribuições deste trabalho.

1 *Corpus* e decisões metodológicas

Ao tratar de algumas dificuldades metodológicas que o pesquisador enfrenta na coleta de amostras de fala representativas de uma comunidade, adequadas aos objetivos de sua pesquisa, Sankoff (1980, p. 53) menciona o problema de obter certos tipos de dados e cita como exemplo justamente a produção de formas interrogativas: ora, o sociolinguista, com o objetivo de chegar a generalizações a respeito da fala de um grupo maior de indivíduos além daqueles diretamente consultados, volta-se a métodos de amostragem

estatística que o coloca em contato com pessoas que não fazem parte de seu convívio diário; esse mesmo fato dificulta a obtenção de gravações em situações diversas de fala e, em geral, limita-o à situação de entrevista sociolinguística; nela, os entrevistados tendem a exibir um repertório linguístico mais restrito, o que resulta em amostras de dados não tão diversificados quanto à gramática ou ao estilo; assim, pessoas sendo entrevistadas têm pouca probabilidade de empregar interrogativas.

Para lidar com essa questão, analisou-se um *corpus* robusto do português paulistano contemporâneo, composto de amostras de fala e de escrita que somam mais de um milhão de palavras: (i) 53 entrevistas sociolinguísticas com informantes paulistanos, estratificados de acordo com o seu sexo/gênero, três faixas etárias (20-30; 35-45; 50 anos ou mais) e dois níveis de escolaridade (até Ensino Médio; curso superior), coletadas entre 2003 e 2008 por alunos do curso de Sociolinguística da USP; (ii) 5 edições da revista *Veja* (nov./dez. 2008); (iii) amostras do jornal *Folha de São Paulo on-line* (dez. 2008); e (iv) 1470 redações escolares (descrições, dissertações e narrativas) de alunos de escolas públicas e privadas da cidade de São Paulo (2005). Adicionalmente, nas entrevistas sociolinguísticas, decidiu-se analisar tanto a fala de informantes quanto a de documentadores, aproveitando-se do fato de que a amostra havia sido coletada por dezenas de alunos. Dos 53 alunos-documentadores, 19 são paulistanos e autorizaram o uso de sua fala para análises sociolinguísticas, de modo que seus dados também foram extraídos e analisados.

Outra questão metodológica que se levanta é sobre a diferença entre *perguntas* e *interrogativas*, que não tomadas como termos sinônimos. Nesta pesquisa, o primeiro é usado para fazer referência a uma *função discursiva* (que nem sempre tem a forma interrogativa), enquanto o segundo é usado para se referir a *estruturas sintáticas e prosódicas* (que nem sempre têm a função de pergunta). Na presente análise, o envelope de variação se define pela intersecção entre forma e função, de modo a atender a definição laboviana de variável sociolinguística (LABOV, 1969, 1978) como “formas alternativas de se dizer a mesma coisa” e, assim, garantir a opcionalidade do falante. O contexto em que se alternam as quatro estruturas apresentadas em (1) é assim definido:

(4) Envelope de variação de Interrogativas de Constituinte:

Sentenças completas que contêm apenas um constituinte interrogativo em uma sentença finita principal ou em uma sentença encaixada introduzida por um complementizador, excetuando-se expressões cristalizadas ou semilexicalizadas e casos de *interrogativas-qu/qu-in-situ* em que o constituinte interrogativo exerce a função sintática de sujeito.

Sentenças que contêm mais de um constituinte interrogativo são infrequentes e, quando ocorrem, cada constituinte tende a ser realizado *in situ*, como mostra o exemplo (5). Ocorrências de interrogativas com verbos não finitos (ex. 6) ou sem verbo (ex. 7) não permitem as estruturas de *interrogativas qu-que* e *é-que*. Em orações encaixadas introduzidas por um complementizador, *qu-in-situ* também é possível (ex. 8), mas o mesmo não ocorre em orações encaixadas sem um complementizador (ex. 9).

(5) Joseane: **Quem vai trocar com quem?** (F1S-INF)

(6) a. **O que fazer?** (MIOTO, [s. d.])

b. *Fazer o quê?*

c. **O que que fazer?*

d. **O que é que fazer?*

(7) a. Clara: **Por que taxa do lixo?** (F3G-INF)

b. *Taxa do lixo por quê?*

c. **Por que que taxa do lixo?*

d. **Por que é que taxa do lixo?*

(8) a. Suzana: **Por que (que / é que) a senhora acha [que o público é tão diferente]?**
(F1S-DOC)

b. *A senhora acha [que o público é tão diferente por quê]?*

(9) a. Renata: **Você já sabe [em quem (que / é que) vai votar nas próximas eleições]?** (F2S-DOC)

b. **Você já sabe [vai votar em quem nas próximas eleições]?*

As ocorrências de certas expressões que parecem ser cristalizadas ou semilexicalizadas, exemplificadas em (10), também foram excluídas, já que tais fórmulas parecem menos sujeitas à variação e sua inclusão poderia

conduzir ao enviesamento dos resultados de análises quantitativas (WOLFRAM, 1993; TAGLIAMONTE, 2006).

- (10) a. Valquíria: **Onde** já se viu? (F3G-INF)
b. Gisele: **Quem** sou eu pra dizer alguma coisa? (F2G-INF)
c. **Como** chama? **Como** se diz?

Por fim, nos casos em que o constituinte interrogativo é sujeito de sua oração (ex. 11), há um contexto de neutralização entre as estruturas de *interrogativas-qu* e *qu-in-situ* e não é possível determinar, em princípio, qual estrutura foi empregada pelo falante.³

- (11) a. Claudia: **o que** mais marcou na minha infância? (F1G-INF)
b. Jefferson: e **quem** paga essa conta? (M2G-ING)

O quadro 1 mostra a distribuição dos dados dos quatro tipos de interrogativas e revela que, na língua escrita, quase não há variação: nos dados da revista *Veja*, do jornal *Folha de São Paulo on-line* e de redações escolares, há menos de 4% de *interrogativas qu-in-situ* e mais de 93% de *interrogativas-qu*. Por outro lado, a distribuição das variantes é muito mais balanceada em entrevistas sociolinguísticas: houve 22,7% de *interrogativas qu-in-situ*, bem como variação entre as estruturas com constituinte interrogativo pré-verbal.

³ Certos estudos dentro do arcabouço da Gramática Gerativa (p.ex. CHENG; ROORYCK, 2000; KATO, 2004) argumentam que, em sentenças como *Quem disse isso?*, o constituinte interrogativo está apenas aparentemente *in situ*, tendo se movido para uma projeção de CP, assim como os demais constituintes. No português brasileiro, uma evidência para isso é a possibilidade de produzir interrogativas *que* e *é-que* (*Quem (é) que disse isso?*) (KATO, 2004). Contudo, para uma análise variacionista, trata-se de uma falsa questão; de todo modo, *qu-in-situ* não seria possível e a variação neste contexto não poderia ser analisada.

Quadro 1 – Distribuição de Interrogativas de Constituinte em amostras do português paulistano

Interrogativas de constituinte	Revista Veja		Jornal Folha de SP		Redações escolares		Entrevistas	
	N	%	N	%	N	%	N	%
<i>Interrogativas-qu</i>	334	98,8	208	93,3	626	95,4	289	28,9
<i>Interrogativas qu-que</i>	0	0	5	2,2	9	1,4	408	40,8
<i>Interrogativas é-que</i>	3	0,9	2	0,9	11	1,7	75	7,5
<i>Interrogativas qu-in-situ</i>	1	0,3	8	3,6	10	1,5	227	22,7
Total	338	100	223	100	656	100	999	100

A distribuição extremamente desbalanceada na amostra de língua escrita não permite o teste de hipóteses em análises quantitativas, uma vez que as variáveis certamente não serão ortogonais entre si (GUY; ZILLES, 2007, p. 60). Os resultados que se reportam na seção 3, portanto, referem-se apenas às análises da amostra de língua oral. No entanto, o fato de que há tão poucas ocorrências de *interrogativas qu-in-situ* na língua escrita, mesmo em redações de alunos do Ensino Fundamental e Médio, sinaliza a importância da oralidade para a variação entre Interrogativas de Constituinte. Das 10 ocorrências de *qu-in-situ* nas redações, 9 representam situações dialógicas em narrativas (ex. 12); as 8 ocorrências de *qu-in-situ* no jornal Folha de São Paulo *on-line* referem-se a comentários dos leitores, que se envolvem em debates sobre questões controversas (ex. 13); e a única instância de *qu-in-situ* na revista Veja foi retirada de uma entrevista, presumivelmente falada e depois transcrita (ex. 14):

(12) – *Que mochila bonita!*

– *Obrigado! Comprei aqui na escola!*

– *Que legal! Você estuda já **há quanto tempo** aqui?!*

– *A 1 ano!*

(13) *Mas se escolhendo homens com vida normal, se resume as chances, pq quem não fica com mulher nesta terra, fica **com quem?** Com homem, na falta o pior com crianças. A sociedade prefere **o que?***

- (14) – *O senhor fazia o que antes de atuar na Abin?*
– *Fui do corpo de segurança do presidente Lula. (...)*

Tal fato reforça a importância da conversação face a face e de fatores discursivo-pragmáticos no uso variável de Interrogativas de Constituinte.

2 Interrogativas de Constituinte e Fundo Comum

As presentes análises se baseiam no conceito de *fundo comum* entre os falantes (CLARK, 1996; STALNAKER, 2002), que se define pela “soma de seu conhecimento, crenças e suposições mútuas, comuns e conjuntas” (CLARK, 1996, p. 93 – tradução nossa.). Tal conceito se relaciona intimamente com o de *pressuposição do falante*, de Stalnaker, que afirma que “pressupor algo é assumi-lo como dado, ou menos agir como se fosse dado, como informação de base – como *fundo comum* entre os participantes da conversação” (STALNAKER, 2002, p. 701 – grifos do autor; tradução nossa). É interessante notar que, nesse conceito de pressuposição, a atitude do falante é também uma atitude social, pois sua definição leva em conta aquilo que os interlocutores supõem ser parte do conhecimento compartilhado entre os participantes da interação comunicativa: só se pressupõe algo se se pressupõe que os demais pressupõem o mesmo. Tal abordagem parece bastante compatível com os objetivos da Sociolinguística Variacionista, dado que apresenta uma noção de pressuposição que leva em conta o ato comunicativo e seus participantes e, portanto, a língua em uso.⁴

O fundo comum e as pressuposições do falante devem ser vistos de forma dinâmica, já que se atualizam constantemente na fala-em-interação. Um modo de avaliar se aquilo que é pressuposto em uma pergunta de fato era compartilhado entre os falantes é examinar a resposta ou a reação do interlocutor, que pode sancionar, através de uma resposta verbal ou não verbal, a pressuposição contida na pergunta. Desse modo, no fluxo de informações da fala-em-interação, é necessário examinar tanto a pergunta quanto a resposta.

⁴ É importante ressaltar que esse conceito de pressuposição difere daquele da sintaxe e da semântica formal (ver p.ex. ZUBIZARRETA, 1998), que analisa pressuposições em sentenças isoladas, com contribuição mínima do contexto de uso.

Oushiro e Nasser (2010) propõem uma tipologia de perguntas com base no sistema de troca de turnos da Análise da Conversação (SACKS et al., 1974) e na atualização do fundo comum entre os interlocutores (CLARK, 1996; STALNAKER, 2002), que consiste em três categorias: perguntas pragmaticamente “sinceras”, perguntas retóricas e perguntas de estruturação do discurso. Essa tipologia foi aplicada no grupo de fatores *Sinceridade Pragmática da Pergunta*, cujos fatores são exemplificados em (15–17):

(15) Perguntas pragmaticamente “sinceras”

a. Carla: **há quanto tempo** *ele tá lá?* (F1S-DOC)

Pedro: *faz... há quatro anos...*

b. Fabiana: *sua fita tem **quantos minutos?*** (F1S-INF)

Suzana: *tem quarenta e cinco- não! noventa*

(16) Perguntas retóricas

a. José: *então a gente tá gastando... com duas eleições... **quanto é que** você gasta aí nesses dois turnos? **quanto que** vai em dinheiro?* (M3S-INF)

Jorge: *é verdade...*

b. Clara: *eu tenho que ter um carro... dá alguma coisa nela de noite eu vou **aonde?*** (F3G-INF)

(17) Perguntas de estruturação do discurso

a. Cecília: *vale a pena... é:: **por que que** vale a pena? porque nós raramente vamos ao cinema...* (F2S-INF)

b. Marco: *e a televisão te traz **o quê?**... só te traz coisa errada... é novela... ensina **o quê?**... ensina o camarada a beber ensina a prostituição...* (M3G-INF)

As perguntas pragmaticamente “sinceras” (ex. 15) são as mais próximas do protótipo do par Pergunta-Resposta (SCHEGLOFF, 1972): elas requerem uma resposta do interlocutor, passam o turno de fala e buscam atualizar o fundo comum. Perguntas retóricas (ex. 16) têm a mesma função de asserções e se caracterizam pela obviedade da pressuposição (ROHDE, 2006); elas não podem ser caracterizadas apenas por sua forma sintática, já que a obviedade da pressuposição só pode ser determinada pelo fundo comum corrente entre os participantes da interação conversacional. Note-se que as perguntas em (16), que pressupõem nesse contexto que “se gasta muito dinheiro nas eleições”, poderiam ser consideradas perguntas

“sinceras” em outro contexto. Como a pressuposição da pergunta é óbvia, perguntas retóricas não atualizam o fundo comum entre os interlocutores e não requerem uma resposta. As perguntas de estruturação do discurso (ex. 17), por sua vez, requerem uma resposta (diferentemente de perguntas retóricas) e não passam o turno (diferentemente de perguntas pragmaticamente “sinceras”); a resposta, neste caso, é requerida do próprio falante corrente. Como a pressuposição não é óbvia, elas também têm o objetivo de atualizar o fundo comum entre os interlocutores.

O grupo de fatores *Grau de Ativação do Fundo Comum* examina se pressuposições e referentes recentemente ativados no discurso têm influência no emprego de diferentes estruturas de Interrogativas de Constituinte. Os fatores exemplificados abaixo estão organizados em graus de ativação, desde a sentença anterior (pressuposição maximamente ativada) (ex. 18) até pressuposição não mencionada até o momento na conversa gravada (pressuposição minimamente ativada) (ex. 23). Se um referente (mas não toda a pressuposição) foi ativado em uma das cinco sentenças anteriores, a ocorrência foi codificada em um fator separado (ex. 22). Nesse grupo de fatores, excluem-se perguntas retóricas, uma vez que sua pressuposição sempre está ativada. Nos exemplos abaixo, o número entre parênteses indica a contagem de sentenças anteriores.

(18) Pressuposição ativada na 1ª sentença anterior

a. Pedro: *eu acho horrível...* (1) *acho horrível*

Carla: **por que** *você acha horrível?* (F1S-DOC)

b. Aline: *assim...* (1) *eles tão falando muito da saúde...*

Marcio: *é né?*

Aline: *mas tão falando da saúde **por quê?*** (F1G-INF)

(19) Pressuposição ativada na 2ª sentença anterior

a. Mariana: (2) *tem o caso das pessoas que têm dinheiro demais... e aí...* (1) *que que você acha? como- **como que** elas vivem com tanto dinheiro né?* (F1S-DOC)

b. Gabriela: (2) *e você sabia que hoje em dia “a gente” é considerado um pronome pessoal do mesmo jeito que “eu você tu eles”?*

Lucia: (1) *não sabia*

Gabriela: *quando você...*

Lucia: *mas é considerado **aonde?*** (F3G-INF)

- (20) Pressuposição ativada na 3ª, 4ª ou 5ª sentenças anteriores
- a. Beatriz: “*eu sou bandido tô cumprindo prisão perpétua e (4) hoje eu resolvi por minha bola e minha corrente no pé” aí (3) eu falei assim (2) “não mas eu achei interessante... (1) eu não vim criticar... **por que que** o senhor tá usando isso?” (F3S-INF)*
 - b. Valter: *ele morreu dentro d/ (3) esse meu irmão que morreu morreu dentro da casa dele dentro do banheiro... (2) ele falava que nunca tinha problema de saúde nenhuma... e (1) ele não ia no médico*
Rafael: *morreu **com quantos anos?** (M1S-DOC)*
- (21) Pressuposição mencionada na conversa, mas não nas 5 sentenças anteriores
- a. Carolina: ***aonde que** é o colégio que cê dá aula mesmo? (F1S-DOC)*
 - b. Rafael: *agora tem **que idade** mesmo? (M1S-DOC)*
- (22) Somente um referente ativado em uma das 5 sentenças anteriores
- a. Carla: *(1) eu já tinha esquecido o nome da sua irmã... **quantos anos** ela tem? (F1S-DOC)*
 - b. Amanda: *não sabe ainda (1) mas ele gosta de computador...*
Joaquim: *ele tá **com quantos anos?** tá com dezoito ou dez...? (M3G-INF)*
- (23) Pressuposição não ativada anteriormente
- a. Carlos: ***que que** cê faz como lazer assim? (M3S-DOC)*
 - b. Marina: *você vem **de que canto** pra cá? (F1G-INF)*

O grupo de fatores *Conjunto de Respostas Previstas*, por sua vez, aplica-se somente a perguntas pragmaticamente “sinceras”. Enquanto algumas perguntas deixam as possibilidades de resposta em aberto (ex. 24), outras são formuladas já com uma expectativa de resposta, seja com múltiplas opções (ex. 25) ou apenas uma (ex. 26). A ideia aqui é que quanto menor o conjunto de respostas “previstas” pelo falante, i.e. quanto maior a previsibilidade da resposta, pode-se supor que há um maior grau de informações compartilhadas.

(24) Aberto

- a. Fernanda: e **em que rua que** você mora? (F1S-DOC)
b. Carolina: e você mora **em que lugar de São Paulo?** (F1S-DOC)

(25) Múltipla escolha

- a. Jefferson: **do que que** você tem mais medo... da polícia ou do ladrão? (M2G-INF)
b. Amanda: *cê pensa que tem que ser mais importante* **o quê?** segurança transporte educação... (F1S-DOC)

(26) Com um “chute”

- a. Carlos: e **o que que** *cê faz lá? cê pega onda?* (M3S-DOC)
b. Jorge: *sua mãe trabalhava com* **o quê?** *assim ela... era dona-de-casa?* (M1S-DOC)

3 Resultados e Discussão

As análises quantitativas foram realizadas com o auxílio do programa GoldVarb X em rodadas multivariadas.⁵ O quadro 2 apresenta os resultados para o grupo de fatores Sinceridade Pragmática da Pergunta.

Quadro 2 – Tendências de emprego de *interrogativas qu-in-situ* de acordo com a Sinceridade pragmática da pergunta

	P.R.	%	N <i>in-situ</i> /N total
Sinceridade pragmática da pergunta			
de estruturação do discurso	0,68	34,7	51/147
“sincera”	0,47	21,6	129/597
Retórica	0,45	18,4	47/255
	<i>Range: 23</i>	22,7	227/999
Input: 0,165. p < 0,02.			

⁵ Essas hipóteses foram testadas em análises multivariadas no GoldVarb X, que incluíram 7 outros grupos de fatores. Ver Oushiro (2011) para uma discussão detalhada.

Nesse quadro, verifica-se que perguntas de estruturação do discurso, ou seja, aquelas que requerem que o falante corrente dê uma resposta para sua própria pergunta, favorecem o emprego de *interrogativas qu-in-situ* (P.R. 0,68), enquanto perguntas pragmaticamente “sinceras” e perguntas retóricas relativamente desfavorecem o seu emprego (P.R. 0,47 e 0,45 respectivamente). Tal efeito pode ser a manifestação de uma estratégia de manutenção de turno. De acordo com Sacks et al. (1974), falantes e ouvintes projetam o fim do turno conversacional através da identificação de unidades linguísticas, que podem ser uma palavra até toda uma sentença. O uso de um constituinte interrogativo no início da sentença pode criar a expectativa, no interlocutor, de que deve tomar o turno e responder à pergunta; como perguntas de estruturação do discurso não têm objetivo de obter uma informação, a estrutura de *qu-in-situ* pode melhor atender ao propósito de manter o turno conversacional (mesmo que inconscientemente). Além disso, note-se que perguntas de estruturação do discurso podem ser parafraseadas sem o constituinte interrogativo (Cf. *e a televisão te traz o quê?... só te traz coisa errada... vs. e a televisão... só te traz coisa errada...*); o seu emprego permite a introdução de informações novas em “pedaços” menores, o que pode facilitar o processamento cognitivo, tanto por parte do falante quanto do ouvinte.

Quadro 3 – Tendências de emprego de *interrogativas qu-in-situ* de acordo com o Conjunto de Respostas Previstas e o Grau de Ativação do Fundo Comum

	P.R.	%	N <i>in-situ</i> /N total
Conjunto de respostas “previstas”^a			
+“fechado”	0,84	37,7	20/53
“aberto”	0,46	20,0	109/544
	<i>Range: 38</i>	21,6	129/597
Grau de Ativação do Fundo Comum			
Rodada 1: ^a			
+Pressup. ativada na 1 ^a ou 2 ^a sentença anterior	0,66	35,2	56/159
Referente ativado nas 5 sentenças anteriores	0,59	27,8	42/151
+Pressup. ativada na 3 ^a sentença ou antes	0,49	22,5	20/89

Pressup. não ativada	0,39	19,0	62/345
	Range: 27	24,2	180/744
Rodada 2: ^b			
+Presup./ref. ativado na 1ª ou 2ª sentença anterior	0,63	34,0	89/202
+ Presup./ref. ativado na 3ª sentença ou antes	0,51	21,2	29/137
Pressup. não ativada	0,38	18,0	62/345
	Range: 25	24,2	180/744

^a Input: 0,115, $p < 0,05$. *Log-likelihood*: -388,695.

^b Input : 0,115, $p < 0,05$. *Log-likelihood*: -389,425. +amálgama de fatores.

Os resultados para Conjunto de Respostas Previstas e Grau de Ativação do Fundo Comum são apresentados no quadro 3.⁶ No primeiro, foram amalgamados os dois fatores em que havia um “fechamento” das possibilidades de resposta – múltipla escola e com um “chute” ($\chi^2 = 1,28(1)$, $p > 0,20$) –, em contraste com perguntas de resposta aberta. Os resultados indicam que as perguntas de resposta “fechada” favorecem fortemente o emprego de *interrogativas qu-in-situ* (P.R. 0,84), o que dá suporte à hipótese de que, quanto mais previsível a resposta e quanto maior o grau de informações compartilhadas, maior a tendência de emprego dessa forma interrogativa.

O quadro 3 também mostra os resultados de duas rodadas diferentes para Grau de Ativação do Fundo Comum. Na primeira, os dois graus máximos de ativação da pressuposição (última ou penúltima sentença) foram amalgados em um único fator, assim como os dois graus intermediários (pressuposição ativada entre a 3ª e 5ª sentenças anteriores e pressuposição mencionada anteriormente na conversa) ($\chi^2 = 0,77(2)$, $p > 0,50$). Nesta rodada, o fator para a ativação de referentes em uma das 5 sentenças anteriores apresenta-se como o segundo que mais favorece o emprego de *interrogativas qu-in-situ* (0,59), justamente entre os fatores “ativação de pressuposições na 1ª/2ª sentença anterior” e “ativação na 3ª sentença ou antes”, fato que sugere que a ativação de referentes em diferentes sentenças

⁶ Nessas rodadas, não se incluiu o grupo de fatores Sinceridade Pragmática da Pergunta, com o qual Conjunto de Respostas Previstas e Grau de Ativação do Fundo Comum interagem (GUY; ZILLES, 2007).

também deveria ser codificado de modo semelhante ao das pressuposições. Desse modo, na segunda rodada, esse fator foi recodificado em “referente ativado na 1^a/2^a sentenças anteriores” e “referente ativado na 3^a/4^a/5^a sentenças anteriores”, o que se mostrou estatisticamente mais adequado ($\chi^2 = 1,46(1)$, $p > 0,20$). Portanto, a primeira observação a se fazer sobre esses resultados é que não parece haver diferenças significativas se um referente ou toda uma pressuposição havia sido ativada no discurso.

Os resultados mostram que quanto mais ativado um referente ou a pressuposição, maior a tendência de empregar *interrogativas qu-in-situ* (P.R. 0,63). Os demais fatores se conformam à hierarquia de ativação, pois pressuposições ativadas a partir da terceira sentença anterior apresentam um peso relativo menor para o emprego de *qu-in-situ*, próximo ao ponto neutro (P.R. 0,51), enquanto pressuposições não ativadas anteriormente desfavorecem a estrutura ainda mais (P.R. 0,38). Aqui, nota-se novamente um fato que aponta para a importância do aqui-e-agora na conversa para o emprego de *interrogativas qu-in-situ*: há uma diferença relevante para a ativação de pressuposições e referentes em uma das últimas duas sentenças. Isso sugere que o “gerenciamento” da conversação (nos termos de Sacks et al., 1974) ocorre localmente e que os falantes são bastante sensíveis ao fluxo de informações, fato que reflete na escolha que os falantes fazem de diferentes estruturas sintáticas.

Uma hipótese semelhante foi testada por Weiner e Labov (1983) em seu estudo sobre a alternância entre voz ativa e voz passiva no inglês; os autores verificaram que referentes ativados recentemente no discurso têm uma influência no uso da voz passiva, mas que também há uma forte tendência mecânica a preservar estruturas paralelas no discurso. No caso das interrogativas, o fato de que os falantes tendem a empregar *interrogativas qu-in-situ* em ocorrências como (18) e (19), abaixo reproduzidas em (27–28), pode ser comparado aos resultados de Weiner e Labov (1983), já que aqui também há uma tendência a preservar o paralelismo:

(27) *eles tão falando muito da saúde... (...) mas tão falando da saúde por quê?*

(28) *(...) hoje em dia “a gente” é considerado um pronome pessoal do mesmo jeito que “eu você tu eles”? (...) mas é considerado aonde?*

Os resultados desses grupos de fatores também podem ser consequência de uma tendência mais geral de organização do discurso, a saber, a de postergar a introdução de novas informações (CHAFE, 1974). Como perguntas de estruturação do discurso atualizam o fundo comum, a estrutura *qu-in-situ* melhor se alinha com a sequência “dado velho—dado novo”. De modo semelhante, quanto mais ativada a pressuposição ou um referente, maior a tendência de organizar o discurso a partir dessas informações (maximamente) ativadas para a introdução de novas.

Conclusões

No português paulistano, as *interrogativas qu-in-situ* podem ser empregadas alternativamente às estruturas com constituinte interrogativo pré-verbal, uma vez que não sofrem restrições discursivo-pragmáticas categóricas. Sua produtividade na amostra de português falado contemporâneo (22,7% neste *corpus*) é uma evidência de seu emprego variável, tanto em perguntas “sinceras” quanto em perguntas retóricas e de estruturação do discurso.

As análises dos grupos de fatores Sinceridade Pragmática da Pergunta, Grau de Ativação do Fundo Comum e Conjunto de Respostas Previstas mostram que os falantes são sensíveis ao fluxo de informação na fala-em-interação, o que tem consequências para a alternância entre diferentes estruturas sintáticas de Interrogativas de Constituinte. As *interrogativas qu-in-situ* são favorecidas quando a resposta da pergunta é mais previsível, quando a pressuposição havia sido mais recentemente ativada e em perguntas de estruturação do discurso, que introduzem novas informações; tais fatos podem ser interpretados como uma estratégia para o processamento cognitivo, para a manutenção de turno e para a organização geral do discurso. Em conjunto, as análises mostram que o fundo comum entre os interlocutores têm um papel fundamental no uso variável de interrogativas de constituinte: os falantes o acompanham turno a turno, e nele se baseiam para fazer suas contribuições conversacionais, algo que se reflete no emprego de diferentes formas interrogativas. Tais conclusões, possíveis apenas através de uma fina observação do fluxo conversacional, ressaltam a importância de analisar amostras de falas naturais em seus contextos de uso.

Referências

- AMBAR, M. et al. Padrões de interrogativas-Q no português europeu e no português brasileiro: uma análise inter e intra-linguística. *Boletim da Associação Brasileira de Linguística*, v. 26, p. 400-404, 2001.
- CHAFE, W. Language and consciousness. *Language*, v. 50, p. 111-133, 1974.
- CHENG, L. L.; ROORYCK, J. Licensing wh-in-situ. *Syntax*, v. 31, p. 1-19, 2000.
- CHOMSKY, N. On wh-movement. In: CULICOVER, P.; WASOW, T.; AKMAJIAN, A. (Orgs.). *Formal Syntax*. New York: Academic Press, 1977. p. 71-132
- CLARK, H. *Using language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.
- FREITAG, R. M. K. É o quê?: estratégia de interação ou sequenciação? *Estudos Linguísticos*, v. 39, n. 1, p. 157-166, 2010.
- GUY, G. R.; ZILLES, A. *Sociolinguística Quantitativa: instrumental de análise*. São Paulo: Parábola, 2007.
- KATO, M. A. Two types of wh-in-situ in Brazilian Portuguese. 2004. Trabalho apresentado no Georgetown Round Table, Washington DC, 2004.
- KATO, M. A.; MIOTO, C. A multi-evidence study of European and Brazilian Portuguese wh-questions. In: KEPSEK, S.; REIS, M. (Orgs.). *Linguistic evidence: empirical, theoretical and computational perspectives*. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 2005. p. 307-328.
- LABOV, W. Contraction, deletion, and inherent variability of the English copula. *Language*, v. 45, n. 4, p. 715-762, 1969.
- LABOV, W. Where does the linguistic variable stop? A response to Beatriz Lavandera. *Working papers in Sociolinguistics* 44. Austin, TX: Southwest Educational Development Laboratory, 1978.
- LABOV, W. *The social stratification of English in New York City*. São Paulo: Cambridge University Press, 2006 [1966].

- MIOTO, C. A interface sintaxe-semântica: CP no PB, Ms., [s. d].
- MIOTO, C. Wh é que “ wh que. *Estudos Linguísticos*, v. 26, p. 648-654, 1997.
- MIOTO, C.; FIGUEIREDO-SILVA, M. C. Wh é que = wh que? *DELTA*, v. 11, p. 301-311, 1995.
- OUSHIRO, L. Condicionamento discursivo-pragmático no uso variável de Interrogativas-Q. *Estudos Linguísticos*, v. 39, n. 2, p. 628-639, 2010.
- OUSHIRO, L. *Uma análise variacionista para as Interrogativas-Q*. 2011. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de São Paulo, São Paulo. 2011.
- OUSHIRO, L.; NASSER, J. A. O par pergunta-resposta em entrevistas sociolinguísticas. In: SELL, M.; GUIMARÃES, A. M. M. (Orgs.). *Anais do Congresso Internacional Linguagem e Interação II*, 768. São Leopoldo: Casa Leiria, 2010.
- PEZATTI, E. G.; FONTES, M. G. As interrogativas de conteúdo nas variedades do português falado. *Revista do GEL*, v. 7, n. 2, p. 171-197, 2010.
- PIRES, A.; TAYLOR, H. L. The syntax of wh-in-situ and common ground. In: MASULLO, P. (Org.) *Romance Languages: structure, interfaces, and microparametric variation*. Amsterdam: John Benjamins, 2007.
- ROHDE, H. Rhetorical questions as redundant interrogatives. *San Diego Linguistics Papers* 2, p. 134-168, 2006.
- SACKS, H.; SCHEGLOFF, E. A.; JEFFERSON, G. A simplest systematics for the organization of turn-taking for conversation. *Language* 50, p. 696-735, 1974.
- SANKOFF, G. A quantitative paradigm for the study of communicative competence. In: SANKOFF, G. (Org.). *The Social Life of Language*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1980. p. 47-79.
- SCHEGLOFF, E. A. Notes on a conversational practice: formulating place. In: SUDNOW, D. (Ed.) *Studies in Social Interaction*. New York: The Free Press, 1972. p. 75-119.

SOUSA, G. C. Interrogativas encaixadas: forma e função nas variedades lusófonas. In: MARÇALO, M. J. et al. (Orgs.). *Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas*. v. 1. Évora: Universidade de Évora, 2010. p. 172-184.

STALNAKER, R. Common ground. *Linguistics and Philosophy* 25, p. 701-721, 2002.

TAGLIAMONTE, S. *Analysing sociolinguistic variation*. São Paulo: Cambridge University Press, 2006.

WEINER, J.; LABOV, W. Constraints on the agentless passive. *Journal of Linguistics* 19, p. 29-58, 1983 [1977].

WOLFRAM, W. Identifying and interpreting variables. In: PRESTON, D. (Org.) *American Dialect Research*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 1993. p. 193-221.

ZUBIZARRETA, M. L. *Prosody, focus, and word order*. Cambridge: The MIT Press, 1998.